



“História” oral e processos de inserção na cultura escrita

Oral “history” and processes of insertion in the written culture

Ana Maria de Oliveira Galvão
Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo

Este artigo tem como objetivo discutir a potencialidade do uso de depoimentos orais nas pesquisas que objetivam (re) construir processos de inserção na cultura escrita de sujeitos e grupos vinculados tradicionalmente à oralidade. A partir de uma pesquisa concluída, traz reflexões sobre os limites e as possibilidades que cercam o uso dessa metodologia nesse campo de estudos.

Palavras-chave: História oral. Cultura escrita. Processos de formação.

Abstract

This article aims to argue the potentiality of the use of oral history in the researches concerned to the processes of insertion in the written culture of persons and groups associated to the spoken situations. Based in a concluded research, this paper brings reflections on the limits and the possibilities that surround the use of this methodology in this field of studies.

Keywords: Oral history. Written culture. Formation processes.



1. Introdução

Nos últimos anos, tem crescido, no Brasil, o número de estudos sobre a história da cultura escrita no país¹. Estes trabalhos investigam, por exemplo, o papel da imprensa, dos livros escolares, do manuscrito, da literatura feminina, das bibliotecas e livrarias, dos editores, da censura, da literatura “popular” (almanaques, cordéis), da oralidade, nesse percurso.

Mais recentemente, estudos realizados no campo, à semelhança do que vem ocorrendo também em outras áreas do conhecimento², têm também se debruçado sobre aspectos mais sutis, mais finos e pouco evidentes dessa história. Estes estudos visam (re)construir os processos pelos quais grupos sociais, famílias e indivíduos se inserem, a partir do estudo de suas trajetórias em um determinado período, na cultura escrita.³ Muitos destes trabalhos, ao contrário do que tradicionalmente se realizava⁴, investigam o caso de grupos ou sujeitos tradicionalmente vinculados ao mundo do oral e que, nesse sentido, teriam suas trajetórias associadas ao esforço, à tensão e à não naturalidade.

Debruçar-se sobre processos de formação e de inserção na cultura escrita de grupos, famílias e indivíduos “não herdeiros” colocam, no entanto, problemas metodológicos específicos. Para o estudo de grupos e sujeitos já estabelecidos ou que, ao final de suas vidas, se aproximaram, em menor ou maior grau, do mundo escrito, é possível analisar, quando essas fontes existem, as bibliotecas que legaram, as autobiografias que escreveram⁵, as correspondências trocadas⁶.

Como (re)construir, por outro lado, trajetórias de leitores/ouvintes que construíram seus percursos de inserção na cultura escrita sem fontes escritas? Como apreender os processos pelos quais grupos e indivíduos se inseriram a cultura escrita, apesar de muitas vezes, não terem freqüentado a escola e, às vezes, não terem sido alfabetizados?

2. Uma trajetória de pesquisa

Este artigo se propõe a refletir sobre as possibilidades de utilização da “história”⁷ oral, particularmente nas pesquisas que se detêm sobre processos de inserção na cultura escrita, de grupos e sujeitos tradicionalmente

associados à oralidade. Evidentemente, a utilização de depoimentos orais somente é possível quando os estudos se referem a períodos mais recentes da nossa história. Essas reflexões estão baseadas em uma pesquisa concluída, que teve como objetivo (re)construir o público leitor/ouvinte e os modos de ler/ouvir literatura de cordel, entre 1930 e 1950, em Pernambuco⁸.

Nessa pesquisa, foram utilizadas como principais fontes, além das entrevistas, autobiografias, romances, os próprios folhetos (texto e objeto material) e outros documentos, como jornais, registros censitários, anuários estatísticos e relatórios de governos. As fontes coletadas foram sendo cruzadas ao longo da pesquisa, a partir de determinadas categorias nucleares, algumas das quais definidas *a priori* (como as de gênero, classe, etnia e geração) e outras emergentes do contato com o próprio material empírico ou com a bibliografia sobre o tema (como as de popular, Nordeste, urbano e rural, oral e escrito). Os estudos sobre história cultural e da leitura, as pesquisas que se detêm sobre a relação entre oralidade e letramento, as discussões em torno da cultura popular e da “história” oral nortearam, teórica e metodologicamente, a investigação.

208 Por se tratar de um trabalho sobre um período recente da história brasileira e sobre leitores pertencentes às camadas populares, pareceu, no decorrer do processo de pesquisa, indispensável o registro das opiniões dos próprios leitores sobre suas experiências, como mais uma forma de aproximação desse pólo fugidio e instável da atividade de leitura – os leitores⁹. Do contrário, como poderia ter acesso às experiências de leituras dessas pessoas, já que os testemunhos escritos – memórias e romances – quase silenciam sobre elas? Como afirma Roger Chartier (1996a), o fato de se trabalhar com os textos e os objetos impressos com o objetivo de reconstruir os leitores e as leituras não significa que não deva também recorrer às experiências dos leitores empíricos:

[...] uma vez que cada leitor, a partir de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos de que se apropria. Reencontrar esse fora-do-texto não é tarefa fácil, pois são raras as confidências dos leitores comuns sobre suas leituras. [...] Com estes testemunhos em primeira pessoa, pode-se ter uma medida da distância (ou da identidade) existente entre os leitores virtuais, inscritos em filigrana nas páginas do livro, e aqueles de carne e osso que o manuseiam, assim como podem



ser diferenciadas, no concreto das práticas, as habilidades leitoras, os estilos de leitura e os usos do impresso. (CHARTIER, 1996a, p. 20-21).

Definida a necessidade de realização das entrevistas, fui em busca, inicialmente, de um vendedor de folhetos que, sabia através de reportagens da imprensa, desde 1938 vendia cordéis e mantinha uma banca na praça do Mercado de São José¹⁰. Edson foi entrevistado duas vezes. Realizadas essas entrevistas, passei a buscar os possíveis leitores/ouvintes. Os dois critérios principais para a escolha dos sujeitos foram a idade (precisariam ter vivido a infância, no máximo, na década de 1930) e a intensidade das experiências que haviam tido com a leitura e/ou audição de folhetos.

Os meus possíveis entrevistados estavam, desse modo, potencialmente, em todos os lugares e, ao mesmo tempo, em lugar nenhum. Esse processo de “busca” incluiu um levantamento de possíveis leitores/ouvintes na minha própria família, entre conhecidos e a abordagem direta das pessoas na rua, em alguns locais onde hipotetizava que pudesse encontrá-los. Nas praças dos mercados principais da cidade, como o de São José e o de Casa Amarela¹¹, por exemplo, conversei com diversas pessoas, mas as “buscas” incluíram outros espaços, como a praia ou o velório de Frei Damião¹².

Fiz, então, vários contatos com pessoas que poderiam ser interessantes para a pesquisa, mas não se dispuseram a dar entrevistas ou com pessoas que, embora conhecessem o objeto cordel, não haviam tido uma vivência mais forte como leitores ou ouvintes. Conversei, ao todo, com 29 pessoas na faixa dos 65 anos ou mais. Conversei, ainda, com seis pessoas mais jovens, entre 20 e 35 anos. Realizei, em relação ao primeiro grupo, oito entrevistas que efetivamente utilizei na pesquisa. Entre os mais jovens, entrevistei uma pessoa que, embora não tivesse vivido o período de apogeu do cordel, deu contribuições significativas para a compreensão desse objeto. Seu depoimento foi incorporado ao texto, marginalmente. Entrevistei também o escritor Ariano Suassuna¹³, então Secretário de Cultura do Estado de Pernambuco.

3. A experiência dos depoimentos orais: algumas reflexões

Para a realização dos depoimentos orais, tomei alguns cuidados tradicionalmente recomendados pelos manuais e livros sobre história oral: elaborei um roteiro de questões semi-aberto e, de posse de um gravador com pilhas e fitas em número suficiente, fui ao campo com a disponibilidade para a escuta. Partia de alguns pressupostos: não encontraria “fatos” no depoimento dos entrevistados, tinha consciência da vulnerabilidade da memória e acreditava que a fonte oral torna-se mais rica, quando confrontada com outras fontes. A experiência concreta de realizar as entrevistas ultrapassou, no entanto, o que tinha como expectativa.

Inicialmente, gostaria de destacar um dos pontos que julgo mais interessantes no processo de produção das entrevistas: a imprevisibilidade e o não controle da situação. Por mais bem elaborado que esteja o roteiro, por mais que se tenha lido sobre o tema, por mais que se conheça o universo dos sujeitos, há uma grande dose de imprevisibilidade na condução das entrevistas. Embora isto ocorra, em alguma medida, com o trabalho com qualquer tipo de documento, a sensação de que a situação da entrevista é incontrolável, escapando às racionalidades tradicionalmente atribuídas ao trabalho científico, é muito maior, gerando, muitas vezes, uma sensação de falta, de vazio.

Quando se trabalha com documentos escritos há, quase sempre, a possibilidade de voltar aos arquivos, de, após recuperar-se de alguns “choques”, rever a documentação, examiná-la com mais cuidado. Nas entrevistas, o dito ou o não-dito, o perguntado ou o não perguntado, torna-se, com muito mais frequência, impossível de ser resgatado, mesmo que se realize outra entrevista com o mesmo sujeito.

Na segunda entrevista que realizei com um dos sujeitos (Zé Moreno), por exemplo, passamos quase três horas lendo e comentando poemas do livro de Zé da Luz, *Brasil Caboclo*, de propriedade do entrevistado. As perguntas que eu havia pensado, registradas no roteiro que havia elaborado, tiveram que ser, habilmente, adaptadas à nova situação. Evidentemente, como meu trabalho era sobre leitura, a situação da entrevista tornou-se privilegiada, na medida em que pude perceber a relação do entrevistado com a leitura em uma situação em que ela se dava concretamente.



Na entrevista realizada com Crispim e Ana Maria, por outro lado, ouvi, durante cerca de quarenta minutos, “toadas” de vaquejada em fitas-cassete dos entrevistados. Zefinha, dizendo-se nervosa com a situação de “dar uma entrevista”, não foi capaz de recitar um folheto que sabia de memória – considerado, por ela, “bobinho e chatinho”, no dia seguinte, trouxe-me cinco páginas manuscritas com o registro da história. Zé Mariano, meses após a realização das duas entrevistas, enviou-me, de presente, folhetos que havia conseguido comprar na feira e Zeli, também alguns meses depois da entrevista, doou-me dois folhetos (datados de 1949 e 1950) de sua coleção particular. Em outros casos, alguns entrevistados introduziram comentários tão inusitados (alguns deles sem aparente vinculação com o tema da entrevista) em comparação com o previsto que se torna necessário, rapidamente e de maneira hábil, torná-los interessantes para a compreensão do tema da pesquisa.

Nesse processo, são imprescindíveis a disposição e a habilidade para a escuta. É preciso estar atenta a cada palavra, a cada frase pronunciada pelo entrevistado: caso contrário, perde-se a oportunidade de fazer uma questão pertinente, um comentário interessante. Do mesmo modo, se interrompo (como algumas vezes ocorreu) o depoimento do entrevistado em um momento inoportuno, corro o risco de não mais poder retornar à questão que ele desenvolvia.

No início do processo de “busca” dos sujeitos, perguntei, por exemplo, a alguns deles, se costumavam “ler” folhetos. Em alguns casos, essa intervenção foi suficiente para constrangê-los e torná-los arredios a qualquer tentativa de estabelecimento de uma conversa mais longa; afinal, tratava-se, em muitos casos, de pessoas analfabetas. Passei a usar o verbo “conhecer” ao invés de “ler” o que muito facilitou a abordagem de outros sujeitos. Poderia dar muitos outros exemplos semelhantes. Os entrevistados, embora possuam um perfil, grosso modo, semelhante, também se diferenciam muito entre si: é preciso muita sensibilidade e habilidade para lidar com essa diversidade.

Em alguns casos, por exemplo, possuem uma vivência extremamente urbana e têm níveis médios de “letramento”¹⁴; em outros, chegaram há pouco tempo da zona rural e, às vezes, são analfabetos: os sotaques, as expressões, o vocabulário, a sintaxe, as lógicas que comandam as formas de raciocinar e de se expressar de cada um e os modos como se sentem na situação de entrevista (constrangidos, tensos, à vontade) se diferenciam

substancialmente. É necessário compreender, pelo menos em grandes linhas, essas diferenças, sob o risco de se perguntar o que não se pode entender ou de se ouvir o que não se pode compreender¹⁵. Muitas vezes, para entender aquelas palavras e aqueles gestos, significativamente diferentes dos meus próprios, recorri às lembranças deixadas por pessoas com perfis semelhantes ou por experiências vividas com elas como auxílio à melhor compreensão daquele universo.

Gostaria de destacar também que o processo de produção das entrevistas muitas vezes desestabiliza a relação que temos com a “ciência”, com as afirmações supostamente óbvias que caracterizam estudos sobre o tema. Algumas questões aparentemente evidentes tornam-se insistentes, agudas e complexas em todo o trabalho de realização das entrevistas: o que é verdade? Aquilo que o sujeito apreendeu do momento em que viveu? O que não pode ser considerado verdade? Como exemplo, cito a questão das bibliotecas populares. Li, com muito entusiasmo, uma pesquisa recente sobre a implantação de bibliotecas populares nas décadas de 1940 e 1950 no Recife¹⁶; de acordo com o estudo, esse foi um processo que envolveu amplos segmentos da população e o público visado teria, a princípio, perfil semelhante ao dos leitores/ouvintes que entrevistei.

Nenhum dos entrevistados, no entanto, sabia sobre esse processo; muitos nunca haviam ouvido falar ou freqüentado uma biblioteca. A “história” oral pode, de fato, relativizar certos conhecimentos, construídos muitas vezes com bases em relatos oficiais escritos, os quais pacificamente chamamos de verdadeiros¹⁷. Creio que, no caso de certos objetos, como o que me propus a investigar, a “história” oral se revela um procedimento indispensável.

O próprio papel como pesquisadora, quando se estuda um tema que se relaciona, direta ou indiretamente, de maneira muito forte, com nossa história pessoal, tende a ser desestabilizado: a emergência de sentimentos de minha própria trajetória de vida, no momento e depois do contato com os sujeitos, muitas vezes causou esse efeito. Quando se trabalha com um outro tipo de fonte, muitas vezes esse processo também ocorre, mas a situação “face a face” parece torná-lo mais explícito: sabe-se que se está interferindo no outro e que o outro está interferindo em você. O trabalho estabelecido com um documento escrito, por exemplo, pode desestabilizar o (a) pesquisador(a); o contrário, no entanto, não ocorre.



Há momentos – que são percebidos às vezes no próprio momento das entrevistas, em outros somente quando se vai transcrevê-las ou analisá-las – em que se sabe que as questões suscitaram certos sentimentos, certas feridas¹⁸, certos gestos que já estavam esquecidos na memória. Os manuais de história oral não ensinam nem poderiam ensinar o que se pode fazer nesse tipo de situação. A sensibilidade e a escuta à voz do outro parece ser ainda o melhor caminho e o maior desafio. Na expressão de Etienne François:

[...] a história oral não somente suscita novos objetos e uma nova documentação, [...] como também estabelece uma relação original entre o historiador e os sujeitos da história. Que essa relação, diferente daquela que o historiador mantém com uma documentação inanimada, é de certa forma mais perigosa e temível, nem é preciso lembrar: uma testemunha não se deixa manipular tão facilmente quanto uma série estatística, e o encontro propiciado pela entrevista gera interações sobre as quais o historiador tem somente um domínio parcial. Donde as decepções, os desencantos, as crises e até os fracassos que marcam a história ainda recente da história oral [...]. (FRANÇOIS apud FERREIRA; AMADO, 1996, p. 9-10).

Uma das conseqüências desse processo é a necessidade de se dar um tempo de intervalo entre a realização de duas entrevistas: a tarefa de ouvir, transcrever, ler, fazer um novo roteiro auxilia no “enfrentamento” de mais uma situação caracterizada, entre outros fatores, pela imprevisibilidade.

Finalmente, considero importante destacar que, em muitos casos, é necessário relativizar também as respostas dadas pelos próprios entrevistados. Sabe-se que a memória é seletiva, que os depoimentos mudam no decorrer do tempo (a proximidade ou o afastamento temporal e espacial da situação que se investiga sofre mudanças significativas), que muitas vezes os entrevistados falam o que imaginam que devem falar para aquele interlocutor específico, sobre o qual criam certas expectativas e ao qual atribuem determinadas características.

Alguns deles, como Edson, trazem muitas vezes respostas estereotipadas, mais ou menos padronizadas, para algumas perguntas. Como vendedor de folhetos desde 1938, já deu inúmeros depoimentos sobre o tema, principalmente na década de 1970, quando pesquisadores, brasileiros e estrangeiros, segundo ele próprio, freqüentemente o entrevistavam em

sua barraca. Na primeira entrevista que realizei, Edson já me mostrou fotos em que aparecia em reportagens de revistas publicadas nos anos de 1970 sobre a literatura de cordel e fez referência a um vídeo recém editado sobre “tipos populares do Recife” em que aparecia¹⁹.

Durante a entrevista, referiu-se aos livros que recebia dos pesquisadores quando concluíam as pesquisas em que era entrevistado e aos folhetos que, por muito tempo, trouxeram, na quarta-capa, seu nome como agente revendedor. Na condução da entrevista, busquei, na medida do possível, provocá-lo, de modo que saísse do discurso padrão sobre o cordel (foi o único entrevistado, por exemplo, que utilizou essa denominação para os folhetos) e explicitasse informações e percepções mais complexas sobre o tema. E, na análise da entrevista, tive esse dado sempre em consideração. A memória coletiva, como afirmam Ferreira e Amado (1996, p. xix), não é espontânea, mas mediatizada por “[...] ideologias, linguagens, senso comum e instituições.” Alessandro Portelli, ao analisar memórias sobre o massacre de Civitella Val di Chiana, ocorrido na Toscana, Itália, em 1944, assim analisa essa questão:

214

O esforço para contar o incontável resulta em narrativas interpretáveis, constructos culturais de palavras e idéias. Por isso, Francesca Cappelletto e Paola Calamandrei encontram em Civitella uma ‘memória grupal [...] moldada no decorrer de inúmeras ocasiões narrativas’, formalizada em narrativas dotadas de ‘uma forma bastante coerente, estruturada e centrada num tema político.’ Existem narradores gabaritados, e até alguns especialistas ‘temáticos’, versados em partes ou episódios específicos da história. Pode-se também perceber claramente, nas situações narrativas, um elemento de controle social sobre a forma de relatar os acontecimentos. (PORTELLI apud FERREIRA; AMADO, 1996, p. 108).

Em consequência de todos esses fatores, as entrevistas que realizei, embora fundamentadas em um mesmo roteiro, tiveram durações e conduções bastante diferenciadas. Todos os depoimentos foram gravados. Em alguns casos, foi preciso ouvir o sujeito em mais de uma ocasião; em outros, um único contato revelou-se suficiente para os objetivos propostos. Duas entrevistas foram realizadas em grupo e nelas, em muitas ocasiões, um entrevistado auxiliava o outro na rememoração de algumas histórias, de alguns fatos. O processo de se transportar para um outro tempo, para um outro espaço,



para uma outra vivência pareceu extremamente facilitado quando realizado coletivamente.

A análise das entrevistas revela-se igualmente rica. Várias são as reflexões que, creio, merecem ser realizadas a partir desse trabalho. Inicialmente, quando se está de posse do “texto” das entrevistas, resultado de um minucioso trabalho de transcrição – que deve levar em conta que, principalmente em um trabalho de pesquisa como esse, os silêncios, as pausas, as hesitações são tão importantes quanto a fala – deve-se considerar que se trata, antes de tudo, de um “texto” oral, trazendo todas as especificidades desse tipo de linguagem.

Uma outra questão que merece ser objeto de reflexão é quanto ao retalhamento da voz do sujeito, necessário à “operação historiográfica.”²⁰ Por um lado, decompor os depoimentos em partes, categorizá-los, separá-los é inerente ao próprio trabalho de pesquisa: se esse procedimento não é realizado corre-se o risco de transcrevê-los integralmente, o que pode ser até interessante, mas não atende às exigências da pesquisa histórica, na medida em que não há análise, não há estabelecimento de relações, não há indicações de resultados para melhor se compreender o objeto²¹.

Por outro, ao se optar pela realização de uma análise de conteúdo a partir de categorias pré-fixadas, corre-se o risco de dissolver os sujeitos e os seus modos de enunciação em uma análise generalizante. Ao lado do retalhamento necessário, é preciso manter também, na medida do possível, a inteireza de cada depoimento. No caso específico das entrevistas que realizei, foi preciso buscar, por exemplo, também no comportamento do sujeito na própria situação de interação estabelecida – em suas hesitações, entusiasmos – indícios de que tipo de leitor/ouvinte ele era, a partir das categorizações que havia feito. As respostas dos entrevistados, no entanto, só podem ser compreendidas a partir do tipo de questão que fazia ou do modo/posição como eles me viam. Reflexões realizadas pela Análise do Discurso e por estudos que problematizam essas questões²² podem auxiliar em uma melhor exploração das entrevistas.

4. Considerações finais

A História pode ser escrita a partir de um único tipo de documento. No entanto, creio, cada vez mais, que quanto mais se dispuser de uma pluralidade de fontes, mais possibilidades se têm de melhor explorá-las, compreendê-las e produzir conhecimento sobre o tema da pesquisa. Através da utilização de outros documentos, corre-se menos o risco de considerar as entrevistas como a “voz” daqueles que não podem falar – por muito tempo se acreditou que esse era o principal papel da “história” oral²³.

Sabe-se, isso é cada vez mais evidente, que a presença do pesquisador, mesmo que ele se limite somente à transcrição dos depoimentos – o que pode ser interpretado como uma suposta ausência de sua influência nos resultados do trabalho –, permeia todas as etapas da pesquisa: a escolha do objeto e dos sujeitos, a condução da entrevista propriamente dita (o quê e quando perguntar ou calar), a seleção dos trechos dos depoimentos transcritos. Através da articulação, do confronto, do contraponto dos depoimentos orais com outros tipos de fontes, acredito que se corre menos o risco de tomá-los como mito, como “voz” dos oprimidos²⁴.

216

Afinal, se a “história” oral tem o poder de desmistificar, pode também ser objeto de mistificação, como qualquer outro tipo de fonte. A consulta a outros documentos serve, ainda, para melhor formular as próprias questões das entrevistas e melhor compreender suas respostas. No caso específico deste trabalho, por exemplo, foi através da exploração das memórias e romances que pude entender que universo de impressos circulava na cidade na época e o porquê da ausência ou presença de alguns deles no cotidiano das pessoas que entrevistei.

Por outro lado, é preciso cuidado para não tomar os depoimentos como mera ilustração para reafirmar aquilo que já se tem como verdade, construída principalmente a partir de fontes consideradas mais confiáveis, mais “dignas”, como documentos oficiais escritos²⁵. A partir da pesquisa realizada, pode-se afirmar que a utilização de depoimentos orais, quando isso é possível, em trabalhos sobre história da cultura escrita pode ser extremamente profícua, principalmente em pesquisas sobre leituras populares, sobre as quais os testemunhos escritos são escassos e esparsos.



As entrevistas possibilitaram a melhor compreensão da leitura como um processo ativo de construção de sentidos, na medida em que permitiram a visualização de rostos e a escuta de vozes de parcelas da população muitas vezes consideradas de maneira homogênea e que, embora expressem uma época, um pertencimento social, de gênero, de etnia, de origem (rural ou urbana), são compostas de indivíduos singulares. No entanto, a “história” oral não deve ser considerada como o próprio produto da pesquisa histórica, mas submetida às mesmas exigências do tratamento requerido por outras fontes documentais e inerentes ao trabalho historiográfico.

Notas

- 1 Para um panorama desses estudos, ver as coletâneas organizadas por Abreu (1999) e Abreu e Schapochinik (2005).
- 2 Como a Sociologia que, recentemente, tem se voltado para o estudo de fenômenos em uma abordagem microsociológica. Ver Lahire (2002 e 2004). No campo mais amplo da História, tem havido, sobretudo após os anos 70 do século XX, com a emergência da “micro-história” italiana, um movimento para a investigação em diferentes escalas. Consultar Revel (1998).
- 3 Ver Galvão; Batista; Hébrand; Klinke; Silva; Arantes (2004b).
- 4 Tradicionalmente, muitos trabalhos tendiam a (re)construir trajetórias de grupos ou indivíduos já estabelecidos, há mais de uma geração, na cultura escrita. Na acepção de Bourdieu e Passeron (1966), trata-se de pesquisas sobre “herdeiros”. É o caso, por exemplo, de estudos sobre as trajetórias de intelectuais e escritores.
- 5 Ver, por exemplo, Hébrard (1996a e 1996b), Lacerda (2003), Galvão e Silva (2004a).
- 6 Recentemente, foram reeditadas várias correspondências trocadas entre intelectuais. Ver, por exemplo, Vidal (2000), Gomes (2005). Para um estudo que toma a correspondência como uma prática cultural consultar: Dauhin; Pézerat-Lebrun; Poublan (1995).
- 7 Utilizo a palavra história entre aspas, pois comungo da idéia de autores que não vêem a “história” oral como uma metodologia e não como a própria história. (AMADO; FERREIRA, 1996).
- 8 Ver Galvão (2000 e 2001).
- 9 “Móveis e instáveis, dependentes das configurações sociais que o produzem, que o reproduzem e a que se destinam, os textos, por fim, se diversificam tendo em vista as práticas e os leitores que efetivamente deles se apropriam. Por mais que os produtores do texto e do impresso multipliquem seus protocolos de leitura e procurem orientar os mínimos movimentos do leitor, sua atualização, seus usos e os significados que serão de fato produzidos encontrarão sempre nos contextos de leitura um regime de condições que poderá ou não favorecer a realização das leituras visadas. Por um lado, do mesmo modo que autores e produtores do livro, os leitores estão também - quanto maior for o grau de institucionalização das situações em que lêem - submetidos às múltiplas determinações que organizam as esferas sociais em que utilizam os textos. Por outro lado, eles são socialmente

formados, compartilham um conjunto de competências e um horizonte de expectativas em relação aos textos e a sua leitura que não é, necessariamente o previsto pelos produtores dos textos. Podem desenvolver, portanto, formas de apropriação que pouco têm a ver com aquelas visadas em sua produção e constituir, desse modo, um novo texto, com novos objetivos, novos usos, novos significados." (BATISTA; GALVÃO, 1999, p. 25).

- 10 O Mercado de São José, situado na região central da cidade, é o mais tradicional mercado público do Recife (inaugurado em 1875, foi projetado pelo arquiteto francês Louis Vauthier). Formado de dois pavilhões com 377 compartimentos que comercializam diversos produtos, desempenhou, durante muitos anos, o papel de principal local de distribuição de folhetos no Estado. Na praça do Mercado, onde Edson comercializa os folhetos, funcionam cerca de 70 barracas.
- 11 A região de Casa Amarela, atualmente composta de diversos bairros, é uma das mais populosas do Recife. O mercado público, inaugurado em 1930, e a feira ocupam uma das áreas centrais da região. Para uma seleção de depoimentos de antigos moradores sobre diferentes aspectos da região. (FEACA, 1988).
- 12 Frei Damião (Pio Giannoti) nasceu em Bozzano, norte da Itália, em 05 de novembro de 1898 e morreu no Recife em 31 de maio de 1997. Filho de camponeses, tornou-se frade da Ordem dos Capuchinhos, em 1923. Chegou ao Brasil em 1931, fixando residência no Recife, no Convento dos Capuchinhos. Realizou diversas missões religiosas, com pregações de cunho fortemente moralista, principalmente nos sertões do Nordeste. Em muitos lugares reverenciado como um santo, Frei Damião é considerado, por alguns estudiosos, um continuador, no imaginário popular, da obra de Padre Cícero. Sua vida foi, inclusive, tema de vários folhetos de cordel. José Honório da Silva (em sua página na internet) localizou, a partir de levantamento realizado no dicionário organizado por Átila Almeida e José Sobrinho (1978) e de seu próprio acervo pessoal, 80 folhetos sobre a vida do italiano. Em 03 de junho de 1997, o corpo do capuchinho estava sendo velado na Basílica da Penha (localizada perto do Mercado de São José), no Recife. Fiquei durante várias horas nas proximidades de onde estava o corpo do religioso, buscando me aproximar, mais uma vez, daquele universo, apontado como tão familiar a muitos leitores/ouvintes de folhetos.
- 13 Ariano Suassuna, nascido na capital da Paraíba em 1927, muito se utilizou da literatura de cordel na elaboração de sua obra. Na década de 70, fundou o Movimento Armorial que, congregando diversos artistas, buscou resgatar a utilização da cultura popular em diferentes domínios. Para um estudo sobre Ariano Suassuna e o Movimento Armorial. (SANTOS, 1999).
- 14 Tomo aqui, a palavra *letramento* em um sentido amplo, considerada, sobretudo, como "...o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita." (SOARES, 1998, p. 18). Para Soares (1998, p. 65-66), a partir desse ponto de vista, um sujeito, mesmo sendo analfabeto, pode, em alguns casos, ser considerado, de certa forma, *letrado*, na medida em que o mais importante, no conceito, são os usos da escrita feitos pelos sujeitos. No entanto, a autora reconhece que o fenômeno de *letramento* é difícil de ser definido e avaliado, na medida em que "[...] cobre uma vasta gama de conhecimentos, habilidades, capacidades, valores, usos e funções sociais", envolvendo, portanto, "[...] sutilezas e complexidades difíceis de serem contempladas em uma única definição." Permito-me utilizar da expressão como um instrumento para melhor compreender as diferenciações entre os sujeitos entrevistados, que muitas vezes apresentavam entre si um grau semelhante de escolarização (noção considerada, então, insuficiente, embora não desprezível), em relação ao contato que tinham com a palavra escrita e aos usos efetivos que faziam dela. Por não ter sido o objetivo da pesquisa "medir" os níveis de *letramento* da população estudada, o que apresento aqui são apenas algumas pistas e algumas indicações de como o conceito pode ser útil na compreensão desses processos.



A respeito dos conceitos de *letramento* e *alfabetismo* e de suas utilizações em pesquisas no Brasil, ver, além da obra citada, Soares (1995), Ribeiro (1999) e coletâneas organizadas por Kleiman (1995) e por Ribeiro (2003).

- 15 Enquanto Edson e Antônio, por exemplo, mostraram grande intimidade com o gravador, mostrando orgulho, para os que passavam junto às suas barracas, de estarem sendo entrevistados, Ana Maria perguntou-me se “dali (apontando para o gravador) iam sair as palavras” e Crispim, se “aquilo (também referindo-se ao gravador) cantava e gravava” e como o que era gravado “saía dali.” Quando foram passar as fitas de vaquejada para que eu ouvisse, Crispim e Ana Maria mostraram-se pouco familiarizados com o aparelho de som que possuíam. Após alguns instantes e uma discussão entre os dois, conseguiram fazer o aparelho funcionar.
- 16 Cf. Verri (1986).
- 17 Como afirma Etienne François: “[...] conheço poucos setores da pesquisa histórica que atualmente esclareçam melhor do que a história oral como a pesquisa empírica de campo e a reflexão teórica sobre as problemáticas e os métodos estão indissociavelmente ligadas, e que demonstrem de maneira mais convincente que o objeto histórico é sempre resultado de sua elaboração pelo historiador: em suma, que a história é construção.” (FRANÇOIS apud FERREIRA; AMADO, 1996, p. 13).
- 18 Crispim, sertanejo de 86 anos, chorou duas vezes durante a entrevista. Sobretudo quando pronunciava a palavra “falsidade”, emocionava-se.
- 19 Na semana anterior, o vídeo havia sido objeto de reportagens dos jornais locais; em uma delas, do *Diário de Pernambuco*, havia sido publicada uma fotografia de Edson.
- 20 Cf. Certeau (1982).
- 21 Muitas vezes, trabalhar com “história” oral significa apenas gravar e editar depoimentos sem explorá-los de maneira suficiente e sem discutir os problemas de ordem teórica e metodológica envolvidos nesse procedimento. Cf. Ferreira e Amado (1996).
- 22 Ver, por exemplo, Pêcheux (1990), Bakhtin (1979) e Bourdieu (1983).
- 23 A “história” oral surge associada, de um lado, ao resgate das elites políticas e, de outro, a movimentos sociais que buscavam resgatar a “voz dos oprimidos”. Cf. Ferreira e Amado (1996).
- 24 Nesse processo, o risco de citar, quase sem interpretá-los, trechos das entrevistas no processo de escrita é permanente – e nem sempre evitado. Arlete Farge (1989, p. 91), referindo-se aos arquivos judiciais, fala sobre mais essa face do fetiche do documento: “Quand le document s’anime au point de laisser croire qu’il se suffit à lui-même, survient inévitablement la tentation de ne point se détacher de lui et d’en faire un commentaire immédiat, comme si l’évidence de son énoncé n’avait pas l’histoire, descriptive et plate, incapable de produire autre chose que le reflet (voire le calque) de ce qui fut écrit il y a deux cents ans. Le récit de l’histoire devient une glose ennuyeuse, un commentaire positiviste où les résultats donnés ne sont pas passés au crible de la critique.”
- 25 O uso da “história” oral, de maneira sistemática, na História, é relativamente recente, datando dos anos 60, embora a própria História surja, com Heródoto, através da coleta de depoimentos orais. Embora tenha cada vez mais ganhado credibilidade na pesquisa acadêmica, sua utilização é, em muitos casos, acompanhada de preconceito, fundado sobretudo na afirmação da pouca objetividade e na vulnerabilidade da memória. No Brasil, o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV) começa a utilizar a “história” oral já em meados da década de 70, mas somente em 1994 é criada a Associação

Brasileira de História Oral. A confiabilidade e a credibilidade do documento escrito permanece com muita força. Sobre a "história" oral em várias de suas faces. Consultar entre outros, Alberti (1990), Montenegro (1992), Thompson (1992), Ferreira (1994), Ferreira e Amado (1996) e Meihy (1996).

Referências

ABREU, Márcia. (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson. (Org.). **Cultura letrada no Brasil**: objetos e práticas. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

ALBERTI, Verena. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1990.

ALMEIDA, Átila Augusto de; ALVES SOBRINHO, José. **Dicionário bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancada**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, v. 2, p. 668, 1978.

BAKHTIN, Mikail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1979. (original russo, 1929).

BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Práticas de leitura, impressos, letramentos: uma introdução. In: BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. (Org.). **Práticas de leitura, impressos, letramentos**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 11-45.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas lingüísticas. In: ORTIZ, Renato. (Org.). **Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983. p. 156-183.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **Les héritiers**. Paris: Minuit, 1966.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. Introdução. In: CHARTIER, Roger. (Org.). **Práticas da leitura**. Tradução Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996a. (original francês, 1985).

DAHUIN, Cécile; PÉZERAT-LEBRUN, Pierrette; POUBLAN, Danielle. **Ces bonnes letters**: une correspondance familiale au XIXe siècle. Paris: Albin Michel, 1995.

FARGE, Arlete. **Le goût de l'archive**. Paris: Seuil, 1989.



FEACA. Federação das Associações, Centros Comunitários e Conselhos de Moradores de Casa Amarela. Departamento de Memória. **Casa Amarela**: memórias, lutas, sonhos... Recife: FEACA, v. 2, 1988.

FERREIRA, Marieta de Moraes. (Coord.). **Entre-vistas**: abordagens e usos da história oral. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Ler/ouvir cordéis em Pernambuco – 1930-1950**. 2000. 543f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Belo Horizonte, 2000.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel**: leitores e ouvintes. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; SILVA, Fabiana Cristina da. Histórias de indivíduos e arquivos familiares: algumas reflexões teórico-metodológicas. CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 3., Curitiba. **Anais...** Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná/Sociedade Brasileira de História da Educação, 2004a 1. CD-ROM.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; BATISTA, Antônio Augusto; HÉBRARD, Jean; KLINKE, Karina; SILVA, Fabiana Cristina; ARANTES, Adlene Silva. **Entrando na cultura escrita**: percursos individuais, familiares e sociais nos séculos XIX e XX: segunda etapa. Projeto de Pesquisa apresentado ao CNPq. Recife: UFPE, 2004b.

GOMES, Ângela de Castro. (Org.). **Em família**: correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

HÉBRARD, Jean. Alphabétisation et accès aux pratiques de la culture écrite en Vauvage à la fin du XIXe. siècle (étude de cas). In: ROGER, Jean-Marc. (Dir.). **La vauvage au XIXe. siècle**: approche économique, sociale et politique d'une communauté paysanne de la région nîmoise. Nîmes: C. Lacour Éditeur, 1996a, p. 313-350.

HÉBRARD, Jean. O autodidatismo exemplar. Como Valentin Jamerey-Duval aprendeu a ler? In: CHARTIER, Roger. (Org.). **Práticas da leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996b, p. 35-74.

KLEIMAN, Angela. (Org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

LACERDA, Lílian de. **Álbum de leitura**: memórias de vida, histórias de leitoras. São Paulo: UNESP, 2003.

LAHIRE, Bernard. **O homem plural**: os determinantes da ação. Tradução Jaime Clasen. Petrópolis: Vozes, 2002.

LAHIRE, Bernard. **Retratos sociológicos**. Tradução Didier Martin e Patrícia Chittoni Ramos Reuillard Porto Alegre: Artmed, 2004.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. (Org.). **(Re) introduzindo história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 1992.

PÊCHEUX, Michel. As condições de produção do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. São Paulo: UNICAMP, 1990, p. 79-87.

REVEL, Jacques. (Org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

RIBEIRO, Vera Masagão. **Alfabetismo e atitudes: pesquisa com jovens e adultos**. Campinas: Papirus, 1999.

RIBEIRO, Vera Masagão. (Org.). **Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001**. São Paulo: Global, 2003.

SANTOS, Idelette Muzart-Fonseca dos. **Em demanda da poética popular: Ariano Suassuna e o Movimento Armorial**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.

SOARES, Magda Becker. Língua escrita, sociedade e cultura: relações, dimensões e perspectivas. **Revista Brasileira de Educação**, Belo Horizonte, n. 0, p. 5-16, set./out./nov./dez. 1995.

SOARES, Magda Becker. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VERRI, Gilda Maria Whitaker. **Templários da ausência em bibliotecas populares**. Recife: Universitária/UFPE, 1996.

VIDAL, Diana Gonçalves. **Na batalha da educação: correspondência entre Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo (1929-1971)**. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.



Ana Maria de Oliveira Galvão
Profª Drª da Faculdade de Educação da
Universidade Federal de Minas Gerais
Pesquisadora do CNPq, do Grupo de Estudos e
Pesquisas em História da Educação (GEPHE) e do
Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE)
E-mail | anamgalvao@uol.com.br

Recebido 15 fev. 2006

Aceito 20 fev. 2006